

## Luiz Gonzaga canta as práticas alimentares do nordeste do Brasil<sup>1</sup>

Luiz Gonzaga sings the feeding practices from northeastern Brazil

Ariza Maria Rocha<sup>2</sup>

### Resumo

Luiz Gonzaga cantou com muita originalidade a cultura nordestina. Por sua voz, difundiu o sertão e a relação desse com a cidade grande, a política, a economia da sociedade brasileira, dividindo letras e melodias com seus parceiros José Dantas de Sousa Filho, Humberto Teixeira, entre tantos outros compositores. Como documento histórico, a música de Luiz Gonzaga é uma inesgotável fonte para conhecer o “de comer” do nordestino. Este artigo tem o objetivo de refletir os alimentos tradicionais do nordeste a partir da produção discográfica de Luiz Gonzaga como fonte de pesquisa de análise das práticas alimentares na região do passado e nos dias atuais. Nesse contexto, adotei a pesquisa bibliográfica, recorrendo ao *site* oficial do músico para analisar os alimentos tradicionais, o plantio, o consumo e as condições climáticas a partir de algumas músicas do universo de Luiz Gonzaga. Este trabalho discute as músicas que revelam as práticas alimentares do sertão, os alimentos tradicionais no Cariri e, por último, os alimentos nas festas tradicionais do nordeste, em particular, do Cariri, nas músicas do mestre da sanfona. Em seus versos e melodias, o artista revela o trato com a terra, as condições climáticas, as plantações de milho, feijão, mandioca, pequi, entre outras; o lugar da mulher e do homem nas dependências domésticas; os utensílios domésticos; as criações de animais domésticos, a economia do nordeste. Sua obra revela práticas culturais corporais, alimentícias, agrícolas, políticas e sociais do Brasil.

**Palavras-chave:** Práticas alimentares. Música. Luiz Gonzaga.

---

<sup>1</sup>Esta pesquisa faz parte de um estudo que teve o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

<sup>2</sup>URCA/CAPES – Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2008) com tese publicada pela Editora UFC (2011), O Passado da Educação Física Escolar em Fortaleza. Lecciona na Universidade Regional do Cariri – URCA desde 2003. Atualmente, encontra-se o pós doutoramento intitulado Comer, Rezar e (Com)Partilhar na Festa de Renovação do Sagrado Coração de Jesus no Cariri Cearense, com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

## **Abstract**

Luiz Gonzaga sang with much originality about Brazil's Northeastern culture. His voice is responsible for promoting the backcountry and its relationship with big cities, politics and the Brazilian society way of living. He shared lyrics and melodies with partners such as José Dantas de Sousa Filho, Humberto Teixeira and other composers. As a historical document, Luiz Gonzaga's music is a never ending source of research for those who wish to get to know the "eating habits" of people living in that part of the country. The main goal of this article is to reflect upon Northeastern traditional food from the perspective of Luiz Gonzaga's musical production for the analyses of that region's past and current feeding practices. In this context, we adopted the bibliographic research using as source Luiz Gonzaga's official website to analyze traditional food, plantation, consumption and climate conditions from the standpoint of some songs from Luiz Gonzaga's universe. This article discusses songs that reveal the backcountry's feeding practices, traditional food from Cariri and traditional food served in traditional Northeastern parties, particularly in Cariri, from the standpoint of The Accordion Master's songs. His verses and melodies reveal the working of the land, climate conditions, corn, beans, manioc, pequi and other plantations; men and women's roles in the household chores; domestic utensils; livestock and Northeastern economy. His work reveals cultural practices related to the body, food, agriculture, politics and Brazilian society.

**Keywords:** Feeding Practices, Music, Luiz Gonzaga.

## **Introdução**

Luiz Gonzaga do Nascimento (1912-1989) cantou com muita originalidade a cultura nordestina. Por sua voz, difundiu o sertão e a relação desse com a cidade grande, a política, a economia da sociedade brasileira. Dividindo letras e melodias com seus parceiros José Dantas de Sousa Filho, Humberto Teixeira, entre outros, narrou as condições de vida, alegrias, tristezas, as paisagens, a seca, a fé, as festas, as danças, as despedidas, os retornos, a saudade, homenageou seu pai, Januário, os amores, a migração, os "cabras da peste" e, também, os alimentos do nordeste, da produção à venda e seu consequente consumo.

O mestre da música cantou os problemas sociais do nordeste dentro e fora do Brasil, registrou os valores culturais relacionados à identidade nordestina e contribuiu com

o enriquecimento da cultura brasileira. Pelo quadro da época, registrado nas músicas, o sanfoneiro ganhou reconhecimento e fama, após superar as dificuldades econômicas e as resistências de alguns artistas do rádio, até então no auge como difusores cultural e artístico.

A música tem o poder de expressar os sentimentos, revelar a memória, conhecer as representações sociais, o contexto político e o imaginário popular, além da capacidade de dialogar com o conhecimento histórico. Por essa via, abordo a comida nordestina na música de Luiz Gonzaga com o objetivo de refletir as práticas alimentares do nordeste, em particular do Cariri. As questões que guiaram este trabalho foram: Quais as comidas de dias festivos e do cotidiano citadas pelo referido artista? Qual era a visão do lugar da mulher e do homem na cozinha nas músicas desse cantor e compositor? Quais as receitas de infusões, plantas medicinais e artefatos da cozinha retratados nas obras de Gonzagão?

No plano conceitual, parto do princípio de que o alimento é um patrimônio cultural, assim, sublinho o trabalho de Cascudo (1967), Cavignac e Dantas (2005) e Maciel (2000). Esta última autora, a propósito, aduz que:

(...) O alimentar-se é um ato vital, sem o qual não há vida possível, mas, ao se alimentar, o homem cria práticas e atribui significados àquilo que está incorporando a si mesmo, o que vai além da utilização dos alimentos pelo organismo. É assim que a procura pelo sentido deste 'comer' tem atraído os antropólogos de uma maneira muito particular. (MACIEL, 2001, p.145).

Nessa temática, distingo o conceito de alimento e comida, como também a diferença entre o alimentar-se e o "de comer". DaMatta (1986, p. 55) explica que:

(...) Alimento é tudo aquilo que pode ser ingerido para manter uma pessoa viva; comida é tudo que se come com prazer de acordo com as regras mais sagradas de comunhão e comensalidade. Em outras palavras, o alimento é como uma grande moldura; mas a comida é o quadro daquilo que foi valorizado e escolhido dentre os alimentos; aquilo que deve ser visto e saboreado com os olhos e depois com a boca, o nariz, a boa companhia e, finalmente, a barriga.

A comida, nesse sentido, revela a identidade de um povo, enquanto o alimento está ligado às necessidades biológicas e fisiológicas.

No plano metodológico, em um universo de 495 composições do músico expostas em sua vasta produção discográfica foram selecionadas 44 canções com enfoque voltado para as práticas alimentares enquanto identidade cultural do nordestino. Recorreu-se, então, ao *site* oficial, intitulado “Luiz Lua Gonzaga”<sup>3</sup>.

O tema é aqui apresentado em três focos. O primeiro está um pouco da vida artística de Luiz Gonzaga. Em seguida, alguns alimentos tradicionais no Cariri serão apresentados e, por último, destaque de alguns alimentos nas festas tradicionais do nordeste nas músicas do mestre da sanfona. A riqueza da obra de Luiz Gonzaga não se limita a estas páginas, o que significa, portanto, que não tenho a pretensão de esgotar aqui a reflexão das práticas alimentares do nordeste brasileiro.

### **O canto das práticas alimentares do sertão nordestino**

Cantando o nordeste do Brasil, o artista de Exu apresentou a vida do sertanejo para o Brasil e o exterior. Começou a manusear a sanfona ainda criança, prestando atenção ao seu pai, que tocava o fole de oito baixos nas festas.

Nas composições musicais, encontrou parceiros, a exemplo de Humberto Teixeira, Miguel Lima, João Silva, Zé Dantas (José de Souza Dantas Filho), entre tantos outros. Até ser reconhecido como músico, Luiz Gonzaga tocava nas ruas, nos paus de arara, nos bordéis, na Rádio Nacional e no programa de Ary Barroso, Calouros em Desfile, oportunidade em que apresentou a música, de sua autoria, “Vira e Mexe”, no ano de 1945.

Neste mesmo ano, o sanfoneiro passou a gravar tocando e cantando os seus sucessos que ganharam vida, entre eles, “Dezessete e setecentos”, com Miguel Lima, em 1945; com Humberto Teixeira, vieram as seguintes músicas: “Lá no meu Pé de Serra” (1945), “Baião” (1946), “Asa Branca” (1947), “Juazeiro” (1948), “Paraíba” (1950), “Assum Preto” (uma transposição de Asa Branca para modo menor) e “Respeita Januário” (1950). Da parceria com José Dantas de Sousa Filho, surgiram as obras “Cintura Fina” (1950), “ABC do Sertão” (1950), “Vozes da Seca” (1950) e, em 1989, o “Xote Ecológico”. Essas são algumas obras de seu vastíssimo repertório musical

<sup>3</sup>Site oficial intitulado “Luiz Lua Gonzaga”. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

e que expressam a riqueza musical brasileira registrada em 39LPs, 218 discos de 78 rotações e 23 coletâneas (SITE OFICIAL, LUIZ LUA GONZAGA, 2013). Diante da compilação musical, 44 músicas que tratam das práticas alimentares do nordeste foram selecionadas.

De início, é preciso esclarecer que a estiagem, tão presente em alguns estados nordestinos que compõem o Polígono das Secas (PiauÍ, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia) e que, em função disso, enfrentam a falta d'água e a luta pela sobrevivência, foi um fator climático e também político determinante na sensibilidade do músico, como também ainda é na vida de qualquer nordestino.

A dor do sertanejo é cantada e retrata os flagelados da fome, sede, morte do gado, abandono da família e do roçado (ou o que sobrou dele com a estiagem), o êxodo rural, a saudade, a dificuldade de adaptar-se na cidade grande, a humilhação e a vergonha do flagelado por não ter trabalho e ser forçado a viver de esmola. "Asa Branca" (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, 1947), "Meu Padrim" (F. Marcelino, 1960), "Testamento de Caboclo" (R. Bittancourt e R. Sampaio, 1947), "Vozes da Seca" (Luiz Gonzaga e Zé Dantas, 1953), "Baíão Agrário" (Luiz Gonzaga, 1989), "Aquarela Nordestina" (Rosil Cavalcante e Maria das Neves Coura Cavalcante, 1989), "Cabra da Peste" (Jurandi da Feira, 1955), "No meu Pé de Serra" (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, 1946), "Canto do Povo" (Luiz Gonzaga, 1983), "A Triste Partida" (Patativa do Assaré, 1964), "Documento de Matuto" (Paulo Patrício, 1964), "Xote Ecológico" (Luiz Gonzaga e Aguinaldo Batista, 1989)<sup>4</sup> são composições que descrevem o cenário nordestino. Poderia multiplicar exemplos tirados desse universo, mas os versos de "Asa Branca" (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, 1947) ilustram as tristezas, esperanças e alegrias do sertanejo:

Quando oiei a terra ardendo / Quá fogueira de São João / Eu  
perguntei a Deus do Céu, ai / Pru que tamanha judiação / Qui braseiro,  
qui fornáia / Nem um pé de prantação / Pru farta d'agua, perdi meu  
gado / Morreu de sede meu alazão / Inté mesmo a asa branca / Bateu

---

<sup>4</sup>Para não me estender, apresento a seguir trechos de algumas músicas para o leitor acompanhar meus argumentos. São elas: "Meu Padrim" (F. Marcelino, 1960) – Ai meu Padrim / Meu Padrim Frei Damião / Ai meu Padrim / Me dê sua benção (...) No Nordeste, quando há seca / Ninguém aguenta viver / Sofre o pobre, sofre o rico / E o céu nada de chover / O caboclo nordestino / Tem um grande coração / Deixa a roça, deixa tudo / (...) Meu Padrim como é triste / Ver morrer tantos anjinhos / Ai, comendo o xique-xique / Não aguentaram, os pobrezinhos (...); "Testamento de Caboclo" (R. Bittancourt; R. Sampaio, 1947) – Posso morrer / Mas desta vida não me queixo / E na toada vou dizer tudo que deixo / Deixo o roçado / Bonitinho e bem cuidado / Uma galinha / Com pintinho no cercado / Deixo o riacho(...) Maiores informações no SITE OFICIAL LUIZ LUA GONZAGA. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

asas do sertão / Entonce eu disse adeus, Rosinha / Guarda contigo meu coração / Hoje longe muitas léguas / Numa triste solidão / Espero a chuva cair de novo / Pra mim vortá pro meu sertão / Quando o verde dos teus óio / Se espaiá na prantação / Eu te asseguro, num chore não, viu? Qui eu vortarei, viu? Meu coração<sup>5</sup> (GONZAGA; TEIXEIRA, 1947. In. *SITE OFICIAL LUIZ LUA GONZAGA*, 2013).

Mas nem só de seca e tristeza vive o nordeste. Se o inverno for bom, logo que surgem os primeiros sinais de chuva, lá estará a fartura no sertão e na mesa do sertanejo, assim expressam os versos de “Boiadeiro” (Klécius Caldas, 1950), “Acordo às Quatro” (Marcondes Costa, 1979), “Algodão” (Zé Dantas e Luiz Gonzaga, 1953) e “Caboclo Nordestino” (José Marcolino, 1963)<sup>6</sup>. O verde do roçado predomina nas pastagens e movimenta as feiras, como, por exemplo, “A Feira de Caruaru” (Onildo Almeida, 1957):

A Feira de Caruaru / Faz gosto a gente vê / De tudo que há no mundo / Nela tem pra vendê / Na feira de Caruaru / Tem massa de mandioca / Batata assada, tem ovo cru / Banana, laranja, manga / Batata, doce, queijo e caju / Cenoura, jabuticaba / Guiné, galinha, pato e peru / Tem bode, carneiro, porco / Se duvidá... inté cururu / Tem cesto, balaio, corda / Tamanco, gréia, tem cuêi-tatu / Tem fumo, tem tabaqueiro / Feito de chifre de boi zebu / Caneco acuvitêro / Penêra boa e mé de uruçú / Tem carça de arvorada / Que é pra matuto não andá nu / Tem rêde, tem balieira / Mode minino caçá nambu / Maxixe, cebola verde / Tomate, cuento, couve e chuchu / Armoço feito nas cordas / Pirão mixido que nem angu / Mubia de tamburête / Feita do tronco do mulungu / Tem louiça, tem ferro véio / Sorvete de raspa que faz jau / Gelada, cardo de cana / Fruta de paima e mandacaru / Bunecos de Vitalino / Que são cunhecidos inté no Sul / De tudo que há no mundo / Tem na Feira de Caruaru (ALMEIDA, 1957. In. *SITE OFICIAL LUIZ LUA GONZAGA*, 2013).

<sup>5</sup>Destaco que respeitei a grafia tal qual foi registrada e cantada na voz de Luiz Gonzaga.

<sup>6</sup>Para exemplificar, ilustro com trecho da música “O Boiadeiro”, de Klécius Caldas e Armando Cavalcanti (1950) – Vai boiadeiro que a noite já vem / Guarda o teu gado e vai pra junto do teu bem / De manhazinha quando eu sigo pela estrada / Minha boiada pra internada eu vou levar / Quando as cabeça é muito pouco é quase nada mas não tem outras mais bonitas no lugar (...) Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

Comemorar a safra do milho, pequi, algodão, feijão, mandioca, entre outras, significa comemorar comida na mesa, fartura na alimentação, além do dinheiro extra que ajuda no sustento da família. Como se pode depreender, há uma estreita relação entre colheita, festa, lazer e criação de espaços de sociabilidade.

Neste contexto, as comemorações de Santo Antônio, São João e São Pedro, as chamadas festas juninas, têm o milho como símbolo e ponto central no preparo de várias comidas de festa, como, por exemplo, a canjica, pamonha, milho assado e cozido, cuscuz, mungunzá, mingau, bolo de milho e, inclusive, o xerém, comida para os animais. Esses alimentos estão retratados nos versos poéticos das canções “Pênero Xerém” (Luiz Gonzaga e M. Lima, 1945), “Vitória de Santo Antão” (Elias Soares e Pilombeta, 1968), “São João Antigo” (Zé Dantas e Luiz Gonzaga, 1957), “São João Chegou” (Marisa P. Coelho e Luiz Gonzaga, 1953), “São João do Carneirinho” (Luiz Gonzaga e Guio de Moraes, 1952), “São João na Roça” (Luiz Gonzaga e Zé Dantas, 1952), “A festa do Milho” (Rosil Cavalcanti, 1963), “São João nas Capitá” (Luiz Gonzaga e Luís Ramalho, 1976), “São João no Arraia” (Zé Dantas, 1957), “São João Sem Futrica” (João Silva e Zé Mocó, 1984), “A Noite é de São João” (Antônio Barros, 1970), “Dia de São João” (Rildo Hora, 1971), “Festa de Santo Antônio” (Alcymar Monteiro e João Paulo Jr., 1987), “Madruceu o Milho” (Sebastião Rodrigues e João Silva, 1968), “Festa no Céu” (Zeca do Pandeiro e Edgar Nunes, 1958), “Pedido a São João” (José Marcolino, 1963)<sup>7</sup>. Entre os vários exemplos aqui citados, destaco a letra da música: “A festa do Milho” (Rosil Cavalcanti, 1963) para que se tenha clareza da presença do milho na significativa produção musical do artista:

No dia de Santo Antônio / Já tem fogueira queimando / O milho já está maduro / Na palha vai se assando / No São João e São Pedro / A festa de maior brilho / Porque pamonha e canjica / Completam a festa do milho (GONZAGA; CAVALCANTI, 1963. In. *SITE OFICIAL LUIZ LUA GONZAGA*, 2013).

Entender a presença do milho no sistema culinário do nordeste é compreender a

---

<sup>7</sup>Entre tantas músicas, exemplifico a questão com trecho da música “Pênero Xerém”, de Luiz Gonzaga e M. Lima (1945): Ôi pisa o milho, penerô xerém / Ôi pisa o milho, penerô xerém / Eu num vou criar galinha / Pra dar pinto pra ninguém / Na minha terra / Dá de tudo que plantar / O Brasil dá tanta coisa / Que eu num posso decorar / Dona Chiquinha / Bote o milho pra pilar / Pro angu, pra canjiquinha / Pro xerém, pro munguzá (...) Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

formação agroalimentar que abrange desde o plantio ao consumo. E mais, é preciso considerar que tal percurso também revela a identidade do povo, por ser um veículo de manifestação e reafirmação da matéria-prima, do imaginário da culinária, das crenças e dos mitos, da criatividade do preparo tal como o saber e o sabor de determinadas comidas da região. E Luiz Gonzaga registra a comida e a identidade nordestina, pois tanto a relação com os pratos tradicionais quanto seus significados são construções coletivas e constitutivas da cultura de uma região.

O sanfoneiro de Exu brinca com o milho, o xerém e o pilão<sup>8</sup>, além de encontrar outras referências não somente da produção agrícola, mas também da criação de pequenos animais domésticos, como na música “Acordo às Quatro”, composta por Marcondes Costa, em 1979<sup>9</sup>: “(...)Tenho as miúças / Carneiro, porco e galinha / Tenho inté uma vaquinha / Que a muié véve a cuidar”.

Além do milho, destaco também a cana-de-açúcar, presente desde o Brasil Colônia. Cultivada nos canaviais, tornou-se destaque na história, na cultura e na economia brasileira, particularmente na nordestina. Em “Cana, Só de Pernambuco” (Luiz Gonzaga e Victor Simon, 1954), Luiz Gonzaga retrata, pelas comidas e bebidas que conheceu em suas viagens, o gosto pela cana pernambucana. Eis um trecho da música:

Eu sou do Norte / Rumei para São Paulo / Fui mudar de sorte /  
Com o fole na mão / Comi de tudo / Comida italiana / Bife parmegiana  
/ Canelão de macarrão / Provei também / A tal da passarela / Bebi da  
caipirinha / E vinho de garrafão / Mas eu confesso / Não é por ser de  
lá / Cana pernambucana / É a maior, meu irmão / Oxente! / Quando  
falo, não retruco / Oxente! / Quando falo, não retruco / Oxente! / Cana  
só de Pernambuco (GONZAGA; SIMON, 1954. In. *SITE OFICIAL LUIZ  
LUA GONZAGA*, 2013).

A inventividade do artista está nos versos e na melodia, e ainda é possível extrair a relação do paladar com as emoções, ou seja, a sensação gustativa do homem transborda a informação para chegar pela emoção, é o caso da música “Qui nem Jiló”, de Luiz Gonzaga e

<sup>8</sup>Utensílio culinário usado para pisar o milho, café, etc. Outras músicas nas quais Luiz Gonzaga registra a presença desse artefato na cozinha nordestina podem ser encontradas nas canções “Cintura Fina” e “Pisa no Pilão”, de composição de José Dantas de Sousa Filho. Para consultar as letras da música, ver o site oficial do músico: “Luiz Lua Gonzaga”, disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>.

<sup>9</sup>Segue trecho da música: Tenho as miúças / Carneiro, porco e galinha / Tenho inté uma vaquinha / Que a muié véve a cuidar (composição de Marcondes Costa, 1979). Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

Humberto Teixeira, no ano de 1950<sup>10</sup>; em seus versos está a comparação da saudade com o gosto amargo do jiló.

As plantas medicinais, crenças e mitos alimentares também estão representados em “Chá Cutuba” (Humberto Teixeira, 1977), “Capim Novo” (Luiz Gonzaga e José Clementino, 1976), “Ovo de Codorna” (Severino Ramos, 1971), “Aroeira” (Barbosa Lessa, 1961) e “Quero Chá” (Luiz Gonzaga e José Marcolino, 1965)<sup>11</sup>.

O Rei do Baião registra ainda a presença e a ausência dos alimentos complementares às refeições, como, por exemplo, o açúcar, a banha, a manteiga, conforme consta na música “Feijão cum Côve”, tal qual seus versos:

Ai que será? / Tenho prantado / Muita côve no quintá / Ai o que será? / Feijão com côve / Que talento pode dá? / Cadê a banha? / Pra panela refogá / Cadê açúcar? / Pro café açúcará / Cadê manteiga? / Leite e pão / Onde é que tá? / Cadê o lombo? / Cadê carne de jabá? / Já tou cansado / De escutá o doutor falá / Que quarqué dia / As coisas têm que melhorá / Sem alimento / Num se pode trabaiá / Por que será? / Feijão com côve / Que talento pode dá? (GONZAGA; PORTELLA, 1946. In. *SITE OFICIAL LUIZ LUIA GONZAGA*, 2013).

A questão de gênero também é abordada no repertório musical do artista pernambucano. Em um nordeste com características, predominantemente, machista e paternalista, Luiz Gonzaga revela o papel da mulher e do homem na cozinha, considerada, para alguns, espaço das tarefas femininas. Tal questão é tratada na música “Baião de Dois”:

Capitão, que moda é essa, deixe a tripa e a cuié / Home não vai na cozinha, que é lugá só de mulhé / Vô juntá feijão de corda, numa panela de arroz / Capitão, vai já pra sala, que hoje tem baião de dois / Ai, ai, ai, ó baião, que bom tu sois / Se o baião é bom sozinho, que

<sup>10</sup>“Que nem Jiló”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, no ano de 1950. Segue um pequeno trecho da obra: Saudade, entonce, aí é ruim / Eu tiro isso por mim / Que vivo doido a sofrer / Ai quem me dera voltar / Pros braços do meu xodó / Saudade assim faz roer / E amarga qui nem jiló / Mas ninguém pode dizer / Que me viu triste a chorar / Saudade, o meu remédio é cantar. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

<sup>11</sup>Segue um trecho da letra de “Chá Cutuba”, de Humberto Teixeira (1977) – Sandoval! / Que chá é esse que tu bebe? / É chá pobre, chá do norte, chá cutuba / De raiz de cabriúva e catolé / Com caroba, piqui doce e macaúba / Que é porrete, dor de quengo e mão de ré. Outros exemplos: “Capim Novo” (Luiz Gonzaga e José Clementino, 1976) e “Quero Chá” (Luiz Gonzaga e José Marcolino, 1965) estão disponíveis em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

dirá baião de dois / Se o baião é bom sozinho, que dirá baião de dois / Ai, ai, baião de dois, ai, ai, baião de dois (GONZAGA; TEIXEIRA, 1977. In. SITE OFICIAL LUIZ LUA GONZAGA, 2013).

Partindo, então, das músicas do artista e considerando seu repertório como documento histórico, a canção de Luiz Gonzaga é uma inesgotável fonte para conhecer o “de comer” do nordestino, desde o seu modo de preparar ao saber-fazer, a exemplo da tripa, do feijão de corda, do baião de dois, entre outras comidas tradicionais nordestinas.

E mais: pela via musical, é possível apreender as festas tradicionais, o calendário alimentar do nordestino, a felicidade da fartura à mesa, os castigos da seca, as mudanças alimentares no transcorrer da história, a comensalidade compartilhada com a família e amigos, as pequenas criações de animais domésticos e as plantações agrícolas, a cozinha e o papel entre os gêneros, as iguarias do cotidiano e dos dias festivos e os utensílios no preparo da comida, enfim, todas essas práticas alimentares estão presentes no manancial artístico desse sanfoneiro.

### **“Comer arroz com pequi”, “feijão com rapadura”, “farinha do cariri”, “açúcar e buriti”: os alimentos tradicionais do cariri nas músicas de luiz gonzaga**

Em sua trajetória, tanto de vida como artística, Luiz Gonzaga cantou a região do Cariri<sup>12</sup>, localizada ao sul do estado do Ceará, na Chapada do Araripe. Deve-se às abundantes águas que jorram das fontes, também chamadas de nascentes, o surgimento das cidades ao sul do Ceará; em função disso, a região prosperou sendo o “Oásis no Sertão”. A região do Cariri também é conhecida pelo comércio, pela religião, pelo fluxo de penitentes, romarias, e pelas bênçãos de Padre Cícero Romão Batista (1844 – 1934), em Juazeiro do Norte, carinhosamente chamado de “Padim Ciço”, como também pelo exemplo de Frei Damião (1898 – 1997).

Assim, além das belezas naturais, a economia e os sítios arqueológicos, a riqueza da região está também na alimentação apreciada, composta por pequi, mungunzá, sequilhos, tapioca, baião de dois, filhoses, broas, bolo de milho, bolo de puba, pé de moleque, fubá, pamonha, canjica, farinha, etc., comidas que são favorecidas pelas práticas agrícolas do local.

<sup>12</sup>A palavra é originária dos índios Kariris, significa tristonho, calado, silencioso (PINHEIRO, 2011). O Vale do Cariri está situado na região do Araripe, e possui a segunda maior concentração populacional do Ceará, com 577 mil habitantes (7,1% da população total).

E foi em 1930 que “Luiz de Januário”, como era conhecido na infância, fugiu da casa dos pais em Exu, município de Pernambuco, e foi ao Crato, no Ceará, caminhando a pé cerca de 65 quilômetros. Lá o jovem sanfoneiro vendeu sua sanfona por 80.000 réis em uma feira e foi a Fortaleza alistar-se no Exército. Anos mais tarde, o músico cantou a fé de Juazeiro, os costumes e a cultura do Cariri nas seguintes músicas: “Meu Araripe” (João Silva e Luiz Gonzaga, 1968), “De Juazeiro a Crato” (Luiz Gonzaga e Julinho, 1968), “Juazeiro” (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, 1949), “Viva Meu Padim” (Luiz Gonzaga e João Silva, 1986)<sup>13</sup> e “Último Pau de Arara” (Luiz Gonzaga e Guio de Moraes, 1952), música a qual apresento alguns versos adiante:

A vida aqui só é ruim quando não chove no chão / mas se  
chover dá de tudo fartura tem de montão / tomara que chova logo,  
tomara, meu Deus, tomara / só deixo o meu Cariri no último pau de  
arara \ Enquanto a minha vaquinha tiver o couro e o osso / e puder  
com o chocalho pendurado no pescoço / eu vou ficando por aqui, que  
Deus do céu me ajude / quem sai da terra natal em outros cantos  
não para / só deixo o meu Cariri no último pau de arara (GONZAGA;  
MORAIS, 1952. In. *SITE OFICIAL LUIZ LUIA GONZAGA*, 2013).

“Gonzagão” apresenta a cidade, inclusive, o músico esteve presente em muitas aberturas da Exposição Agropecuária do Crato – EXPOCRATO, uma festa tradicional que é importante ao desenvolvimento do agronegócio na região. Criada em 1944 pelo então prefeito Pedro Felício Cavalcante (1905-1991), a feira movimenta a economia e dinamiza a cultura.

A música que apresenta o município do Crato é conhecida por “Eu vou pro Crato” e está no disco *Pisa no Pilão: Festa do Milho*, lançado no ano de 1963. Nos versos da canção que compôs com seu parceiro José Jataí, estão os personagens, lugares e, principalmente, os alimentos característicos da região, quais sejam: arroz com pequi, feijão com rapadura, farinha, açúcar e buriti. Diz a letra:

Eu vou pro Crato / Vou matar minha saudade / Ver minha  
morena / Reviver nossa amizade / Eu vou pro Crato / Tomar banho na  
nascente / Na subida do lameiro / Tomo uns tragos de aguardente /

---

<sup>13</sup>“Meu Araripe”, de João Silva e Luiz Gonzaga (1968) – Meu Araripe, meu relicário / Eu vim aqui rever meu pé de serra / Beijar a minha terra / Festejar seu centenário / Sejam bem-vindos / Os filhos de Januário / Pro centenário do Araripe festejar / E a nossa festa / Não vai ser de candeia / Já tem luz que alumeia / Que os homem mandou dar. Outros exemplos são: “De Juazeiro a Crato” (Luiz Gonzaga e Julinho, 1968), “Juazeiro” (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, 1949), “Viva Meu Padim” (Luiz Gonzaga e João Silva, 1986). Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

Eu vou pro Crato / Comer arroz com piqui / Feijão com rapadura /  
Farinha do Cariri / Eu vou pro Crato / Vou matar minha saudade / Ver  
minha morena / Reviver nossa amizade / Eu vou pro Crato / Pois a  
coisa melhorou / A luz de Paulo Afonso / Cariri valorizou / Eu vou pro  
Crato / Já não fico mais aqui / Cratinho de açúcar / Coração do Cariri  
/ Eu vou pro Crato / Vou matar minha saudade / Ver minha morena  
/ Reviver nossa amizade / Eu vou pro Crato / Vou pra casa de Seu  
Pedro / Seu Felício é véio macho / Tou com Pedro, tou sem medo /  
Eu vou pro Crato / Vou viver no Cariri / Cratinho de açúcar / Tijolo de  
buriti.

Falado: É! O caminho é de açúcar! O cratinho é doce! Cratinho  
é terra boa! Todo mundo quer ir pra lá... Eh! Eh! Mas ninguém quer  
ir pro hoté... todo mundo que se arrumar na casa de um parente.  
Um diz que vai pra casa do Alencar... Ah! Ah! Outro diz que vai pra  
casa do parente. Outro diz que vai pra casa de Seu Pedro... É...  
mas eu num gosto muito disso, não! Só se fizerem como eu, né? Eu  
quando vou me hospedar na casa de um parente, eu levo um saco de  
farinha, levo um bode seco, uma dúzia de abacaxi, um capãozinho,  
um saco de piqui, uma cachacinha boa... Ah! Ah! Faça como eu, viu?  
O parente fica satisfeito. Depois você pode dizer que o Cratinho é de  
açúcar... Pode passear... pode se divertir no Crato, mas faça como  
eu...Ah! ah! (GONZAGA; JATAÍ, 1963. In. *SITE OFICIAL LUIZ LUIZ*  
GONZAGA, 2013).

Assim, existe um conjunto de alimentos tradicionalmente produzidos e consumidos pela  
população local, dentre os quais o pequi, a mandioca, o milho, entre outros, que são usados  
como tempero para o arroz, o feijão e a pequizada. Nessa direção, “pode-se pensar a cozinha (e  
a culinária) como um vetor de comunicação, um código complexo que permite compreender os  
mecanismos da sociedade a qual pertence, da qual emerge e à qual lhe dá sentido” (MACIEL,  
2004, p. 26).

Outro alimento citado na música do Gonzagão é o buriti, também conhecida como  
coqueiro-buriti, buritizeiro, miriti, muriti, muritim, muruti, palmeira-dos-brejos, carandá-guaçu.  
O buriti (*Mauritia flexuosa*) é uma das mais singulares palmeiras do Brasil. Consumido

tradicionalmente ao natural, o fruto do buriti pode ser transformado em doces, sucos, licores e sobremesas.

Pelo contexto da época, a música de Luiz Gonzaga conta também a mudança ocorrida na produção de alguns exemplos de ontem e de hoje no Cariri. A região ficou famosa pelos engenhos de cana-de-açúcar na produção da rapadura e cachaça desde os meados do século XVIII<sup>14</sup>.

Apreciada no paladar do sertanejo, a rapadura pode ser saboreada como sobremesa e ainda pode adoçar o café e o aluá. No entanto, por ocasião da pesquisa *Práticas Alimentares Nordestinas: Estudo sobre Alimentos Tradicionais dos Estados do Ceará e Piauí*<sup>15</sup>, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará – EMATERCE informou que não existe mais engenho no Crato para a fabricação da rapadura por essa estar voltada apenas para os alambiques na produção da cachaça. A produção da rapadura, porém, ainda é forte em Barbalha e Missão Velha, cidades distantes de 20km e 40km do município do Crato. Informação ratificada pelo Sindicato dos Agricultores do Município. Realidade cantada na voz de Luiz Gonzaga, na música “Engenho Massangana”, composição de Capiba, 1978.

Devido ao perigo do desmatamento, a cultura da mandioca também está em queda no Cariri. Com raízes indígenas, o conhecimento tem sobrevivido por meio de seu repasse entre as gerações. É da mandioca que sai a goma, a farinha, o beiju, a tapioca e os bolos, que são muito apreciados pela região. A transformação da mandioca para o produto final acontece nas Casas de Farinha, e esse processo que compreende desde a colheita da mandioca, ralação, prensa e secagem nos fornos é chamado de farinhada. Este momento é marcado por um árduo trabalho, mas também é um momento de socialização por haver o encontro com vizinhos, de gerações e de casais, surgindo daí alguns namoricos. Eis os versos da música “Farinhada”, de composição de Zé Dantas, 1982:

Tava na poeira / Eu tava peneirando / Eu tava no namoro / Eu  
tava namorando / Na farinhada / Lá na serra do Teixeira / Namorei uma  
cabocla / Nunca vi tão feiticeira / A meninada / Descascava a macaxeira /  
Zé Migué no caititu / E eu e ela na poeira / O vento dava / Sacudida  
a cabeleira / Levantava a saia dela / No balanço da peneira / Fechei

<sup>14</sup>FIGUEIREDO, Antônio José de Oliveira. Engenhos de rapadura do Cariri: trabalho e cotidiano – 1790-1850. Associação Nacional de História-ANPUH Núcleo Regional de Pernambuco. Memória e História. V Encontro Nordestino de História. V Encontro Estadual de História. Recife, UFPE, 10 a 15 de outubro de 2004.

<sup>15</sup>Projeto coordenado pelo Prof. José Arimatea Barros Bezerra e financiado pelo CNPq.

os óios / E o vento foi soprando / Quando deu um redemoinho / Sem querer tava espiando / De madrugada / Nós fiquemo ali sozinho / O pai dela soube disso / Deu de perna no caminho / Chegando lá / Até riu da brincadeira / Nós estava namorando / Eu e ela na poeira (GONZAGA; DANTAS, 1982 In. SITE OFICIAL LUIZ LUA GONZAGA, 2013).

Não há festa sem comida. Além dos engenhos e da farinhada como espaços de troca de saberes e laçeres, não podemos esquecer a Festa do Pequi. O centro da atenção é o fruto colhido pelos catadores, que partilham a comida com os amigos e familiares. Neste sentido, a alimentação o cerne da estrutura social e as práticas de sociabilidade manifestadas nas festas regionais, tais como: Festa do Pequi, Festa do Fubá, Farinhada, Festa da Mandioca, EXPOCRATO, Berro Cariri, Festas Juninas, Festa do Peixe (Potengi) e a Festa de Renovação, só para exemplificar as mais conhecidas.

E, se ainda tiver um bom inverno, colhe-se no sertão “sapoti, jaboticaba, mangaba, maracujá, cajá, manga, murici, cana caiana, juá, graviola, umbu, pitomba, araticum, araçá”, tal qual expressa a música “Frutos da Terra”<sup>16</sup>, cantada por Gonzaga e composta por Jurandy da Feira.

### **Conclusão**

Nos versos de Luiz Gonzaga está o retrato das práticas alimentares do Cariri e do Nordeste. As músicas do sanfoneiro são fontes de reflexão. Neste trabalho, enfoquei a alimentação do nordeste, principalmente do Cariri.

Além das belezas naturais, da economia e dos sítios arqueológicos, a riqueza da região está também na alimentação, conhecida pelo pequi, mungunzá, sequilhos, tapioca, baião de dois, filhós, broas, bolo de milho, bolo de puba, pé de moleque, fubá, pamonha, canjica, farinha, etc., e as frutas provenientes da agricultura do local. Assim, podemos dizer que os alimentos citados representam o patrimônio imaterial e representam as práticas alimentares do nordeste e, particularmente, do Cariri cearense.

Nesse sentido, a relevância deste texto está em revisitar a obra de Luiz Gonzaga como fonte para o estudo da alimentação e da divulgação alimentar do nordeste nas décadas de <sup>16</sup>“Frutos da Terra”, cantada por Gonzaga e composição de Jurandy da Feira. Segue um pequeno trecho para ilustração: Esta terra dá de tudo / Que se possa imaginar / Sapoti, jaboticaba / Mangaba, maracujá / Cajá, manga, murici / Cana caiana, juá / Graviola, umbu, pitomba / Araticum, araçá. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

1945-1982.

### Referências

BEZERRA, José Arimatea Barros. **Práticas alimentares nordestinas**: estudo sobre alimentos tradicionais dos estados do ceará e piauí – CNPq, mimeografado, 2012.

CARNEIRO, Henrique. **Comida e Sociedade**: Uma História da Alimentação. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Alimentação no Brasil**. Vol. 1. Trabalho preparado sob os auspícios da Societé D'Études Historiques Dom Pedro II. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1967.

CAVIGNAC, Julie Antoinette; DANTAS, Maria Isabel. **Sistema Alimentar e Patrimônio Imaterial**: O Chouriço no Seridó. *Sociedade e Cultura*, v. 8, n. 2, jul./dez., p. 63-78, 2005.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, 128 p.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo-SP: Brasiliense, 1994.

FIGUEIREDO FILHO, J. de. **Engenhos de Rapadura do Cariri**: Documentário da Vida Rural. Coedição SECULT. Fortaleza - CE: URCA/UFC, 2010.

GONZAGA, Luiz; ASSARÉ, Patativa. **A Triste Partida**, 1964. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; BARROS, Antônio. **A Noite é de São João**, 1970. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; BATISTA, Aguinaldo. **Xote Ecológico**, 1989. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; BITTANCOURT, R; SAMPAIO, Raul. **Testamento de Caboclo**, 1947. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; CALDAS, Klécio. **Boiadeiro**, 1950. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; CAVALCANTE, Rosil; CAVALCANTE, Maria das Neves Coura. **Aquarela Nordestina**, 1989. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; CLEMENTINO, José. **Novo**, 1976. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; COELHO, Marisa P. **São João Chegou**, 1953. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; COSTA, Marcondes. **Acordo às Quatro**, 1979. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; DANTAS, José. **Algodão**, 1953. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

\_\_\_\_\_. **São João Antigo**, 1957. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

\_\_\_\_\_. **São João na Roça**, 1952. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

\_\_\_\_\_. **São João no Arraiá**, 1957. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

\_\_\_\_\_. **Vozes da Seca**, 1953. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; FEIRA, Jurandir da. **Cabra da Peste**, 1955. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

\_\_\_\_\_. **Frutos da Terra**. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; HORA, Rildo. **Dia de São João**, 1971. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz. JULINHO. **De Juazeiro a Crato**, 1968. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; LESSA, Barbosa. **Aroeira**, 1961. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; LIMA, M. **Xerém**, 1945. *SITE OFICIAL DO ARTISTA “LUIZ LUA GONZAGA”*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; MARCELINO, Francisco. **Meu Padrim**, 1960. *SITE OFICIAL DO ARTISTA “LUIZ LUA GONZAGA”*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; MARCOLINO, José. **Nordestino**, 1963. *SITE OFICIAL DO ARTISTA “LUIZ LUA GONZAGA”*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

\_\_\_\_\_. **Quero Chá**, 1965. *SITE OFICIAL DO ARTISTA “LUIZ LUA GONZAGA”*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

\_\_\_\_\_. **São João**, 1963. *SITE OFICIAL DO ARTISTA “LUIZ LUA GONZAGA”*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; MONTEIRO, João Paulo Jr. Alcymar. **Festa de Santo Antônio**, 1987. *SITE OFICIAL DO ARTISTA “LUIZ LUA GONZAGA”*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; MORAIS, Guio de. **São João do Carneirinho**, 1952. *SITE OFICIAL DO ARTISTA “LUIZ LUA GONZAGA”*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; PATRÍCIO, Paulo. **Documento de Matuto**, 1964. *SITE OFICIAL DO ARTISTA “LUIZ LUA GONZAGA”*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; RAMALHO, Luís. **São João nas Capitá**, 1976. *SITE OFICIAL DO ARTISTA “LUIZ LUA GONZAGA”*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; RAMOS, Severino. **Ovo de Codorna**, 1971. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; RODRIGUES, Sebastião; SILVA, João Silva. **Madruceu o Milho**, 1968. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; SILVA, João. **Meu Araripe**, 1968. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

\_\_\_\_\_. **Viva Meu Padim**, 1986. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; SILVA, João; MOCÓ, José. **São João Sem Futrica**, 1984. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; SOARES, Elias; Pilombeta. **Vitória de Santo Antão**, 1968. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; SOUSA FILHO, José Dantas de. **Pilão**. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; TEIXEIRA, Humberto. **Chá Cutuba**, 1977. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

\_\_\_\_\_. **Juazeiro**, 1949. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

\_\_\_\_\_. **No meu Pé de Serra**, 1946. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

\_\_\_\_\_. **Que nem Jiló**, 1950. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz; ZECA DO PANDEIRO; NUNES, Edgar. **Festa no Céu**, 1958. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

GONZAGA, Luiz. **Baião Agrário**, 1989. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

\_\_\_\_\_. **Canto do Povo**, 1983. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

\_\_\_\_\_. **Cintura Fina**. *SITE OFICIAL DO ARTISTA "LUIZ LUA GONZAGA"*. Disponível em: <<http://www.luizluagonzaga.mus.br/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

MACIEL, Maria Eunice. **Cultura e Alimentação ou o que têm a ver os Macaquinhos de Koshima Com Grillat - Savarin?** Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, UFRGS, Ano 7, n. 16, p. 145-156, Dezembro, 2001.

\_\_\_\_\_. **Uma Cozinha à Brasileira**. Estudos Históricos: Alimentação. Rio de Janeiro, n. 33, Janeiro-Junho, p. 25-39, 2004.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. Tradução Letícia Martins de Andrade. São Paulo: Senac, 2008. 207 p.

MOTA, José Fábio. **Luiz Gonzaga, o Rei do Baião** (1912 – 1989): Biografia. Disponível em: <<http://www.reidobaiao.com.br/biografia>>. Postado em: 14 de agosto de 2007.

OLIVEIRA, Antônio José de. **Engenhos de Rapadura do Cariri**: Trabalho e Cotidiano – 1790-1850. Associação Nacional de História-ANPUH\ Núcleo Regional de Pernambuco. Memória e História. V Encontro Nordestino de História\ V Encontro Estadual de História. Recife, UFPE, 2004.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri**: Seu Descobrimento, Povoamento, Costumes. Coedição SECULT, Edições URCA, Fortaleza: Edições UFC, 2010.

REVISTA, A PROVÍNCIA. **Expocrato**, julho de 1993.

Recebido em 23/02/14

Aceito em 16/12/14